

Emergência

Leonardo Schraiber Colato

Acordou com um som de sirene tão alto que a proteção acústica que havia colocado na janela, na porta e, com o que sobrou, até em alguns buracos antigos que acumulavam pó e mofo nas paredes que pintou de preto na época em que se mudou para aquele apartamento estava mais para papel do que para espuma de isolamento.

– Agora faz sentido esse barulho dos bombeiros ser tão alto – cochichou para si mesmo, ainda deitado de olhos fechados.

Abriu os olhos remelentos entre piscadas rápidas, levando os dedos com as unhas mal cortadas primeiro à testa, para coçar uma das espinhas que cultivava ali junta de outras tantas que um dia desistiu de cuidar, e depois aos olhos, para remover toda a meleca matinal, ou vespertina, dependendo do ponto de vista, pois já era passado do meio-dia.

– Acorda até quem já tá morto no fogo – completou a frase, levantando-se e colocando-se em frente ao espelho do armário para maldizer a pele pálida e as olheiras profundas de sempre que mal enxergava no escuro.

Foi em direção à janela, levantou a persiana que havia pintado com o resto da tinta preta das paredes para bloquear ainda mais a luz de fora e observou, com dificuldade por causa do primeiro contato dos olhos com a claridade, a rua em frente ao prédio, onde havia um veículo estacionado e alguns profissionais depositando seus materiais na calçada.

Arrastou-se de pé no chão até a sala como se estivesse em um episódio sonambúlico, abriu a porta de correr que dava acesso à varanda e colocou-se em meio às suas plantas mortas, que um dia foram verdes e brotavam vívidas dos tantos potes pretos de plástico que foi colecionando durante a vida.

Olhou para a rua e percebeu que os profissionais entravam correndo no prédio, deixando no veículo apenas o colega motorista, que desligou o barulho estridente da sirene, mas deixou a luz vermelha-rubi piscante a iluminar, na companhia do Sol, os paredes monocromáticos dos prédios da vizinhança.

– De novo problema nesse prédio? – Perguntou às suas companhias mortas do reino vegetal, sem intenção de ouvir uma resposta.

Franziu a testa quando ouviu vozes masculinas imperiosas e sons de passos rápidos e desordenados em uma algazarra sinfônica que tomou conta do segundo andar, o

andar dele, no qual morava bem ao final do corredor, à direita de quem subia pelas escadas, no apartamento duzentos e oito.

– Duzentos e oito, direita, final do corredor! – Grita um dos dois profissionais que sobe pelas escadas quando chega ao segundo andar.

A porta está trancada, assim como a irmã informou que estaria pelo telefone da emergência. Pelo único elevador do prédio sai uma mulher vestida de branco com uma maca de colchão azul dobrada. Usando suas ferramentas, os dois homens que subiram pelas escadas arrombam a porta do duzentos e oito sem muita dificuldade.

Entre o piso da varanda e da sala, em cima do vão da porta de correr, está deitado um homem, todo desengonçado. Da boca dele para o tapete escorre uma espuma esbranquiçada. As paredes pintadas de preto no quarto estão molhadas e o chão está cheio de cacos de vidro em sua maioria transparentes, alguns coloridos. Há várias caixas abertas e pílulas pisoteadas de medicamentos diferentes espalhadas próximas ao homem. Na palma da mão dele está o celular com a tela ligada e aberta na conversa com um contato salvo como “Irmã”. Nas mensagens antes de dizer que “fez merda de novo”, lê-se que ele nunca soube diferenciar o barulho da sirene dos bombeiros do das ambulâncias, e depois algumas carinhas engraçadas.